

A Sêca no Nordeste

MURILLO T. BARROS

Ao prezado amigo Major Adyr Maya.

Certa vez, em Vitória, estava em um café na companhia de três capixabas de estirpe. A sêca do Nordeste havia se tornado assunto obrigatório de tôdas as conversas e não tardou que se fizessem alusões ao medonho flagelo, citando-se a campanha feita pelas estações de rádio, os casos dolorosos que enchiam as colunas da imprensa, as providências do governo federal e o notável esforço de muitas entidades para angariar donativos.

Deixei que os amigos sultistas falassem à vontade e propositalmente esquivei-me de dar opinião. Mas o Major Adyr Maya, gaúcho ranzinza naturalizado capixaba, que fazia parte do grupo, valendo-se da nossa fraterna intimidade, perguntou, batendo-me no ombro: "E o que diz o ilustre flagelado?"

Respondi com displicência: "Nós, brasileiros, somos mais teimosos e endurecidos que São Tomé."

Todo grupo riu-se ruidosamente, como se acabasse de ouvir um grande disparate. Mas logo tôdas as fisionomias ficaram sérias, porque acrescentei: "A risada de vocês lembra um provérbio oriental que podemos aplicar no caso: 'A pior desgraça é aquela que nos faz rir.'"

E a explicação, que lhes dei, é o assunto do presente artigo.

O rio São Francisco, desde tempos imemoriais, foi sempre o traço de união entre o norte e o sul do Brasil. Os geólogos afirmam que o seu caminho natural se fazia sem alteração até a altura de Joazeiro (Bahia) e prosseguia pelo vale do Rio Parnaíba (Piauí) até atingir o Atlântico.

Outros, porém, citando dados científicos, afirmam que as suas águas corriam pelo vale do rio Jaguaribe (Ceará). Todos, porém, estão de acôrdo em afirmar que a mudança brusca do curso do rio São Francisco só se realizou após o gigantesco cataclisma que fez desaparecer a Atlântida, tendo, por compensação, o aparecimento do planalto de Borborema e o colossal levantamento dos Andes.

Podemos dizer que foi esse movimento tectônico que lançou o primeiro dado para o problema da sêca do Nordeste.

O planalto da Borborema, além de desviar o curso do rio São Francisco, abrange uma área enorme e, apesar da pequena altitude, deu uma grande declividade ao solo de modo que o escoamento das águas se faz com incrível rapidez. O Ceará, por exemplo, é bloqueado por uma cintura de serras. Na época das chuvas, é fato comum seus cursos de água estarem a nado e 4 ou 5 horas depois permitirem passagem a vau. Mas não é só isso que prejudica a lavoura e a pecuária. A situação geográfica do Nordeste completa a ação perniciosa da Geologia.

Situado a 2 ou 3 graus abaixo do Equador, o Nordeste tendo dois lados banhados pelo Atlântico, possui um regime de ventos muito irregular ocasionados por rápidas subidas das camadas de ar aquecidas e substituídas por outras mais frescas, vindas de direções diferentes. Ainda não são conhecidas e nem suficientemente estudadas as causas que colocam o Nordeste Brasileiro em um terrível dilema: soprando vento oeste, quer dizer vida, fartura e alegria, por trazer as nuvens formadas pela enorme vaporização do Amazonas que, convertidas em chuva, dão viço e beleza, ao sertão agreste; mas se o implacável vento leste continua soprando da África até o dia 19 de Março, data que assinala a última esperança de inverno para o sertanejo, quer dizer, então, penúria, fome, desgraça e sofrimento. A falta de uma alta montanha impede a sua ação destruidora. Dizem os entendidos que, se a Serra do Mar se prolongasse até a ponta dos Touros, não haveria sêca no Nordeste.

E finalmente a ação do homem completa as incoerências da Geologia e os desmandos da Geografia.

A agricultura brasileira, desde a era colonial, é feita na base da destruição das matas. O sertanejo tem um prazer voluptuoso em ver tombar, aos golpes do machado, árvores gigantes de madeira de lei, pouco se importando com os prejuízos que mais tarde causem a si ou à coletividade.

Gilberto Freyre, — o insigne mestre que se dedicou exclusivamente à influência africana no Brasil, observa que, na época colonial, as barcaças de porte médio subiam o Capiberibe até Limoeiro e, por efeito da devastação das matas, nos nossos dias, as canoas, com sacrifício, atingem Caxangá, bairro que limita o município da capital pernambucana.

E ainda no tempo do Império, a navegação do rio São Francisco se fazia em muito maior extensão que a de hoje. Os "gaiolas" penetravam no rio das Velhas até Sabará. Mas a "doença nacional" de derrubar árvores reduziu essa vantagem e, em nossos dias, não é muito fácil a navegação do rio São Francisco, onde frequentemente os barcos estão encalhando.

Esses exemplos, escolhidos entre muitos, poderão nos dar uma idéia do que seja tão detestável mania em uma terra sem rios permanentes e cujo sólo é um verdadeiro plano inclinado: significa, portanto, a destruição da única cousa capaz de atraír chuva. A falta de árvores diminui a humanidade do ar e predispõe a região a prolongados estios. E dessa forma se completa a ingratitude da natureza.

Apesar da enorme adversidade de condições, o sólo do Nordeste é riquíssimo de calcáreo, o que para a agricultura representa um grande fator de fertilidade.

E isso explica o estupendo milagre do sertão se revestir de luxuriante vegetação após algumas chuvas.

Quando, em Abril d'êste ano, fui em férias ao Ceará visitar a família, tive a oportunidade de ver, da janela de um avião, o trecho de Recife-Campina Grande- Fortaleza, então assolada pela sêca.

O espetáculo era medonho e doloroso. Lembrava fielmente o quadro dantesco da "natureza agonizante" que Euclides retratou em pinceladas geniais. Não se via a copa verde de uma árvore, nem o espelho de uma lagoa e nem a fita prateada de um riacho. Um tapete pardo revestia as tristes colinas, sulcos avermelhados indicavam o lugar de algum riacho e o soberbo rio Jaguaribe, assinalado nos mapas por um vistoso risco negro, estava miseravelmente reduzido a uma vasta, nua e arenosa calha.

Tudo triste, monótono e mirrado.

Mas, durante a minha estadia, no Ceará, choveu copiosamente e, ao regressar, 30 dias depois, encontrei o sertão transformado em um lindo tapete de verdura, dando a impressão do avião estar voltando por outro trajeto e voando sobre outras terras.

E agora, ao falar em responsabilidades, vamos dividir a culpa pelo sertanejo, que é imprevidente, e pelo governo, que é incapaz.

Meu pai, Dr. Alerano de Barros, conheceu o caso de um fazendeiro cearense, em plena sêca, ter diariamente leite fresco, queijo e o gado conservar-se gordo e bem cuidado. Intrigado por esse milagre, indagou as causas e obteve esta explicação racional e inteligente: "O Ceará é a região ideal para a pequena propriedade. Só mantendo na fazenda 3 ou 4 touros e 50 vacas selecionadas. Tenho o cuidado de vender tudo que ultrapassa esse limite. Poderia aumentar o rebanho, mas isso não me interessa. No inverno, costume armazenar feijão, milho e alfafa, sempre fazendo a previsão de sêca. E quando o flagelo se manifesta o meu gado tem água e alimento. Se tivesse duas mil rezes, em caso de sêca, perderia tudo, por não ter com que sustentar um rebanho tão numeroso."

Essa brilhante exceção pode servir de modelo para a vida rural dos estados, compreendidos no quadrilátero sinistro das sêcas.

Mas sucede que a regra geral é justamente o contrário do que faz esse inteligente sertanejo.

O nordestino não tem o senso de economia do europeu e o seu trabalho é rústico, primitivo e desorganizado. Tem um padrão de vida pouco acima do indígena e desconhece tudo que valoriza a vida: higiene, instrução e método de trabalho. Vive em um meio enegrecido pela ignorância, completamente separado da vida nacional. E apesar de não ter assistência de espécie alguma é um lutador de fibra que combate a natureza agressiva que lhe é totalmente hostil.

Sentindo-se abandonado, apela para o Céu, esperando que os santos dêem remédio para seus males.

Quando chove, julga que a sua felicidade é eterna. Gasta tudo que apurou na venda do algodão e dos cereais, canta, feliz, alegres modinhas ao som da viola, dansa o baião com as lindas cabóclas, bebe cachaça pro-seando com os amigos e agradece tanta felicidade à Virgem Santíssima.

E por viver no eterno presente é cruelmente castigado.

A sêca o apanha desprevenido. Não guardou um saco de feijão, nem u'a manta de carne sêca e nem uma quarta de farinha. No sertão, todos só esperam pelo inverno e por isso a sêca apanha a todos de surpresa. E, quando isso acontece, só lhes resta abandonar tudo e partir para outras terras.

Lá se vão pelos caminhos pedregosos, castigados por um sol inclemente, levadas e mais levadas de retirantes, cujo triste espetáculo comove os corações mais endurecidos.

E os governos estaduais, sem querer, tornam a situação mais calamitosa.

A política, no Brasil, nunca passou de uma mesquinha disputa de cargos e tal sistema, nos estados nordestinos toma cores trágicas e criminosas. Cada governador recompensa a sua eleição aumentando o funcionalismo público com novas nomeações, contribuindo para desfalcar, cada vez mais, as reduzidas rendas, pouco sobrando para as obras públicas. E as sêcas os apanham também desprevenidos, como faz com os cabóclós do sertão. Governo e povo, nivelados na mesma imprevidência...

Sem poder debelar o terrível flagelo, que martiriza as populações sertanejas, lançam então patéticos apelos ao governo federal e excitam a generosidade do povo brasileiro.

As estações de rádio fazem campanha de donativos; as colunas da imprensa estampam muitos casos dolorosos; na tribuna da Câmara os deputados imitam as lamentações de Jeremias; o governo federal vota créditos enormes para dar trabalho aos flagelados e de todos os cantos do país remetem-se donativos: dinheiro, roupas e medicamentos. E quando surgem os aspectos odiosos da sordidez humana.

As dádivas generosas desaparecem misteriosamente e muito pouca cousa chega às mãos dos necessitados e as verbas são gastas atalhoadamente, sem plano ou regular coordenação, na pressa de construir represas ou abrir estradas de valor econômico, duvidoso ou de vantagem nula. Há mais interesse em gastar que fazer trabalho útil.

E quando voltam as chuvas e o sertão transborda de fartura, o governo julga desnecessário concluir as obras começadas e todos acreditam no regresso de uma felicidade perene. E, 3 ou 4 anos depois, outra sêca, outra tremenda calamidade e outro triste começo de novo.

Essa persistência no erro, que vem dos dias da monarquia, é criminosa por implicar em perdas de vidas humanas; e é absurda por dar um vergonhoso atestado da incapacidade e imprevidência de nossa administração. Mas será a sêca do Nordeste um mal irremediável?

Respondam os norte-americanos com o exemplo da Califórnia, região semi-árida e sujeita ao mesmo flagelo, que a visão de homens de espírito superior converteu no maior celeiro de frutas do mundo. Mas não vejamos nisso apenas uma vitória do dólar, e tenhamos no breza bastante para ver também uma administração superior, melhor organização, a visão inteligente, a operosidade e o patriotismo, cousa que nunca acionamos quando vamos fazer algo pelo nosso Nordeste.

O problema da sêca está condicionado a 3 fatores inseparáveis, por sua vez ligados a uma delicada questão social. A açudagem, a irrigação e o reflorestamento são a parte técnica do problema e a redivisão da terra, com a extinção dos latifúndios, é a sua parte social.

O Ceará, por exemplo, já tem grandes represas: Quixadá, Jaibara, Forquilha, General Sampaio e outros. E em todos eles, faltou o complemento indispensável da irrigação. O gigantesco açude do Jaibara, com duas barragens suplementares, foi uma obra que consumiu milhões de cruzeiros e só beneficia meia dúzia de felizardos, donos das terras adjacentes à gigantesca represa.

E apesar de possuímos a legislação trabalhista mais adiantada do mundo, ainda não corrigimos essa anomalia.

Mas a açudagem e a irrigação reclamam também o reflorestamento — ponto nevrálgico da questão. Fazer o brasileiro gostar de árvores e compreender a sua utilidade é uma tarefa ciclópica, quase impossível. Será mais fácil o russo assimilar o democracia que o brasileiro poupar uma árvore dos golpes do seu machado. E isso é uma doença incurável.

E, finalmente, compete ao governo dividir, em lotes, as terras irrigadas e distribuir os lotes, alternadamente, aos nacionais e aos estrangeiros, cuidadosamente selecionados, e, assim, a lavoura e pecuária tomarão um novo impulso sob o critério da economia e do trabalho organizado.

Mas o problema da sêca vai exigir esforços perseverantes de anos seguidos em que a Ciência, a Técnica e o patriotismo devem passar por cima do interesse dos políticos, das vaidades humanas, das ambições mesquinhas e da cegueira dos incapazes.

E como nas condições atuais é impossível a sua solução, só nos resta imitar o cabócló que reza pedindo chuva, rogando a Deus Nosso Senhor que mande brasileiros dignos habitar o Brasil.

18 de Junho de 1953 — Vila Velha.

x x x